

Reinadinho dos kamburekos: infância, magia e reparação da ferida colonial

BÁRBARA ALTIVO*

Resumo: Este artigo tem como fundamento o trabalho de campo que realizei por três anos junto à irmandade de Reinado “Os Leonídios” e ao coletivo de crianças negras que formam o chamado reinadinho, na cidade de Oliveira-MG. Tendo em mente as bases africanas do universo reinadeiro sondado, apresento algumas práticas de criatividade mágica das crianças que, além de enfrentar duras e perversas adversidades racistas e de preconceito religioso, driblam as lições sobrecodificadas pelo mundo adulto institucional e seus lugares impositivos de poder. A ocupação de uma casa abandonada que se transforma em templo das crianças e a sensibilidade infantil aos seres de outros mundos são acionadas para dar sentido ao fazer de cura, (re)estabelecimento de alianças, atualização e produção de ancestralidade que é o Reinado.

Palavras-chave: Reinado; Infância; Ancestralidade.

Reinadinho” of “Kamburekos”: childhood, magic and repair of the colonial wound

Abstract: This article is based on the field work that I did during three years with the brotherhood of Reinado “Os Leonídio” and the collective of black children so-called “reinadinho”, in Oliveira-MG. Bearing in mind the African foundations of the Reinado, I present some practices of children's magical creativity that, in addition to facing harsh and perverse racist adversities and religious prejudice, circumvent the lessons overcoded by the institutional adult world and its imposing places of power. The occupation of an abandoned house that becomes a children's temple and the child's sensitivity to beings from other worlds are triggered to make sense of the Reinado as healing, (re) establishing alliances, updating and producing ancestry.

Key words: Reinado; Childhood; ancestry.



* **BÁRBARA ALTIVO** é Doutora em Comunicação Social pelo PPGCOM/UFMG; é jornalista, antropóloga e pesquisadora no CORISCO - Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacional em Contextos de Risco, que integra o departamento de Comunicação Social da UFMG.

Abertura

Pesquisar o Reinado em minha tese de doutorado¹, ter a convicção de que começava a entender o lugar e as ações das pessoas, dos cantos, dos artefatos e dos ritos, foi um processo repetidamente perfurado e colocado em torção nos encontros com as crianças. Enquanto anotava algo no caderninho, fazendo cara de séria e ajeitando os óculos, sempre aparecia alguma menina ou menino que pegava na minha mão, fazia trança nos meus cabelos, *falava*² em espíritos, ou mesmo só me olhava com intensidade. Os *kamburekos*³ me cobriram com o mistério, o não explicado, com o que resiste aos esforços de sistematização exigidos no universo acadêmico. E me chamaram a ser uma pessoa, inteira, com elas. Pela irmandade “Os Leonídios”⁴ e as suas crianças, conheci o Reinado como um grande e complexo trabalho espiritual, subjetivo, social e político de reparação das relações, corpos e territórios de existência dilacerados pela escravidão e pelo racismo.

¹ ALTIVO, Bárbara Regina. “Rosário dos kamburekos: espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira - MG)”. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Belo Horizonte, 2019.

² Todas as expressões nativas, próprias do universo reinadeiro e dos terreiros de umbanda e candomblé, serão marcadas em itálico e explicadas em nota de rodapé ou no corpo do texto.

³ Expressão de origem bantu referente aos espíritos de crianças (no plano dos vivos e dos mortos) muito utilizada nos terreiros de umbanda e candomblé ligados à tradição angola.

⁴ A irmandade “Os Leonídios” é assim nomeada em homenagem ao seu capitão fundador, Leonídio João dos Santos. Conta com três guardas de Reinado: o massambique de Nossa Senhora das Mercês, capitaneado pelos irmãos Pedrina de Lourdes Santos e Antônio Eustáquio dos Santos (filhos do capitão fundador da casa, Leonídio João dos Santos), o congo e o

A cidade de Oliveira está situada no sudoeste de Minas Gerais, há cerca de cento e sessenta quilômetros de Belo Horizonte. Colonizada no século XVIII e situada no que foi o “Caminho de Goiás” ou a “Picada de Goiás” no período escravocrata, único acesso ao centro-oeste do Brasil, a região de Oliveira foi território do Quilombo do Ambrósio, para onde fugiam muitos dos negros escravizados em Minas (FONSECA, 1961). Lá acontece a festa de Nossa Senhora do Rosário, também chamada de Reinado, Congado ou Festa do Congo, desde a época da escravidão, cuja data de início não se pode precisar, sendo o primeiro registro encontrado de estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do ano de 1860 (RUBIÃO, 2010).

A festa já teve diferentes formatos, modificados pelos conflitos dos reinadeiros em relação às elites religiosas e políticas da cidade. Atualmente, durante nove dias, na primeira semana de setembro, as guardas de *vilão*, *massambique*, *catopé* e *congo*⁵

massambique de Nossa Senhora do Rosário, sob a capitania de Katia Aracelle Leonídio (congo), Washington Luis Santos de Oliveira e Carlos Tadeu Sabino (massambique). O termo massambique é como a capitã Pedrina nomeia as guardas comumente chamadas de Moçambique, tipo de terno responsável por guarnecer os reis e rainhas coroados no Reinado. Segundo ela, o termo Massambique é o mais adequado porque deriva da matriz linguística quimbundo, significando “dança sagrada que vem de Angola”.

⁵ Tipos de guardas, agrupamentos de dançadores e tocadores, que cultuam os santos de acordo com as especificidades de seu estilo ritual: cada um desses três possui um modo próprio de cantar, tocar, se vestir e adorar, como um todo, os santos da festa. A cidade de Oliveira conta com dezessete guardas de Reinado, sendo um vilão, um congo, seis moçambiques e dois massambiques (nomenclatura assumida unicamente pelos Leonídios) – estilos de canto,

percorrem as ruas de Oliveira com seus instrumentos, fardas coloridas, bandeiras, bastões e espadas, fazendo o deslocamento das majestades. Os reis e rainhas congos e perpétuos, muito respeitados pelas comunidades reinadeiras, são a presença negra dos santos cultuados: N. Sra. do Rosário, N. Sra. das Mercês, São Benedito, Santa Efigênia e N. Sra. Aparecida. Além deles, há os reis e rainhas de promessa e de ano, que mudam a cada festa e são por vezes brancos, vestidos ao modo europeu. Cada guarda ou terno é regido por um santo, que vai na frente em forma de bandeira, anunciando a chegada do grupo, varrendo a passagem dos maus agouros, guiando na cabeceira do fluxo o caminho por onde dançam, tocam e cantam os membros da guarda, de acordo com a condução da capitã ou do capitão.

Uma estrutura ritual que faz a travessia das coroas contando a história da travessia dos negros, desde as terras africanas até o Brasil. Relembrando, descrevendo e trazendo à tona o terror das viagens nos navios negreiros, as violências sofridas, a fé inabalável e o brado de libertação: “levanta minha gente, cativo acabou!”. É a “instauração de um império, cuja concepção inclui variados elementos, atos litúrgicos e cerimônias e narrativas que, na performance mitopoética, reinterpretem as travessias dos negros de África às Américas.” (MARTINS, 1997, p. 28).

Vale destacar que são vários os trabalhos acadêmicos que analisam os cortejos de Reinado (situados em Oliveira e outras localidades de Minas Gerais) a partir de sua densa simbologia materializada nas bandeiras, fardas, objetos sagrados, instrumentos musicais, letras das toadas

e demais elementos litúrgicos constituidores de sentidos e identidades. Contudo, considero aqui o Reinado como culto dedicado ao chamado “trabalho espiritual” ligado à matriz africana da festa, como afirma Pedrina de Lourdes Santos, de forma a tomar em consideração não só as formulações acadêmicas, mas também e principalmente as teorias dos especialistas reinadeiros, interlocutores e referências bibliográficas desta pesquisa.

Pedrina de Lourdes Santos é uma ilustre sacerdotisa e teórica do universo do Reinado, além de muzenza (filha de santo no candomblé), intelectual da cultura e língua de origem bantu, rezadeira e benzedeira, liderança espiritual e política da irmandade “Os Leonídios”. Aos onze anos de idade, com a permissão do pai Leonídio João dos Santos, antigo capitão da guarda de massambique das Mercês, Pedrina entra como dançadora no Reinado, posto que até então era ocupado apenas por meninos. Herda a capitania, juntamente com o irmão Antônio dos Santos, em 1980, com a morte do pai. Ela é considerada uma das primeiras capitãs mulheres de massambique de Minas Gerais, e assim enfrentou dificuldades para ter acesso aos conhecimentos tradicionais e firmar a sua liderança na comunidade reinadeira (SOARES, 2016). Com quarenta e sete anos de festa do rosário e trinta e sete de capitania, Pedrina é uma verdadeira guardiã dos fundamentos africanos no Reinado de Oliveira, lutando contra as constantes investidas de origem colonial que se manifestam enquanto vetores de embranquecimento, catolicização e espetacularização mobilizados pela igreja, mídia e elite da cidade⁶.

dança e toque que integram os cortejos reinadeiros (SOARES, 2016).

⁶ O doutorado da presente autora contou com a co-orientação de Pedrina enquanto mestra de saber tradicional.

O povo do rosário, segundo Pedrina, elaborou uma festa assentada em matrizes cosmológicas africanas, em toda a sua complexa efetivação ritual pelo canto, toque e dança. Assim, dentro e fora de sua irmandade, ela ressalta os fundamentos reinadeiros calcados nas realidades e divindades africanas, tratando abertamente dos processos estratégicos constituídos pelos negros para cultivar os seus *mi'nkisi* através dos santos católicos. Na perspectiva da capitã, o Reinado realiza o cortejo dos *mi'nkisi* de África: Nossa Senhora do Rosário, também chamada de Santa Manganá, é Kaiaia; Nossa Senhora das Mercês é Dandalunda, São Benedito é Mutakalambô; Santa Efigênia é Matamba e Nossa Senhora Aparecida, por sua vez, não consta nas bases de devoção do rosário dos negros, por ter sido incluída na festa apenas no ano de 1976. A festa começa no sábado à noite com a saída do Boi do Rosário, o que Pedrina considera enquanto *despacho para exu* que abre a interlocução com os *mi'nkisi*, permitindo – assim como na umbanda e no candomblé – a comunicação com o mundo dos mortos e das divindades. Na mesma noite, depois do boi, acontece o *kandombe*, ritual de fundação do Reinado em que toca, canta e dança para as almas dos ancestrais através de tambores centenários. De domingo em diante acontecem os cortejos dos reis e rainhas pelas ruas da cidade, na seguinte ordem: domingo e segunda > Nossa Senhora do Rosário; terça e quarta > Nossa Senhora das Mercês; quinta > São Benedito; sexta >

Santa Efigênia; sábado > Nossa Senhora Aparecida; Domingo > descimento dos mastros e encerramento da festa.

No encerramento da primeira festa que participei, em 2016, ao final do café de São Benedito, depois do descimento dos mastros e de muita gente chorar pelo fechamento do ciclo do rosário, O. (menino, 10 anos) e C. (menino, 12 anos)⁷, me apresentaram com o convite que deu caminho a esta pesquisa. “Você tem de vir para o nosso reinadinho! Eu sou rei congo e ele é capitão! Temos a nossa sede, a nossa guarda! E o reinadinho não é brincadeira!”, disse C.

Um grupo de cerca de 20 crianças e adolescentes que moram no alto do bairro São Sebastião, periferia de Oliveira, ocupavam desde 2014 uma casa abandonada em ruínas e ali constituíram a sede da guarda do reinadinho até 2017⁸. São meninas e meninos que participam de diferentes irmandades reinadeiras do bairro, sendo a maioria dançadores e tocadores das guardas dos Leonídios. Juntos, elas e eles produzem os instrumentos musicais, roupas e espaço ritualístico através de materiais advindos dos restos, detritos do mundo adulto. As caixas são feitas de galão de plástico, os bastões de canos e cabos de vassoura, as bandeiras desenhadas em papel. Após a festa oficial da cidade, que acontece em setembro, as crianças saem às ruas do alto do São Sebastião, em cortejo de seus reis e rainhas mirins, na semana do dia

⁷ Todas as referências às crianças e adolescentes que insiro neste trabalho prezam pelo cuidado em manter o anonimato dos mesmos. No escopo do texto, omito os nomes, mantendo apenas as iniciais, gênero e idade. Além disso, a orientação deste trabalho se guia pela manutenção das marcas da oralidade infantil como forma de afirmação da variação linguística e coabitação dos regimes de conhecimento.

⁸ A casa e o lote ocupados pelas crianças passaram a ser cada vez mais visados pelo tráfico de drogas, o que tornou o local inseguro para a presença infantil. Atualmente o reinadinho não conta mais com essa sede. A casa da capitã Pedrina tornou-se o principal ponto de encontro das crianças para a realização de seus rituais reinadeiros.

12 de outubro, em celebração à Nossa Senhora Aparecida e ao dia das crianças.

As crianças que realizam o reinadinho, em sua maioria, integram famílias chefiadas por mulheres jovens e solteiras, moradoras do bairro periférico do Alto São Sebastião, havendo em menor parte experiências familiares biparentais. Estudam em escola pública e passam boa parte do dia fora de casa, nas calçadas e ruas da região. Sofrem diariamente agressões racistas e de preconceito religioso no ambiente escolar. Algumas famílias têm envolvimento com tráfico e consumo de drogas, alcoolismo, roubo e prostituição. Em geral, passam por sérias dificuldades financeiras. Essas crianças encontram nas guardas de reinado uma rede de apoio material, psicológico e espiritual.

O modo como as crianças festejam o Rosário, desde um estilo criativo ligado à agência mágica das coisas e dos seres espirituais, cativou a minha atenção e me levou a constituir um trabalho instigado por essas relações inventivas de comunicação entre as crianças e o sagrado, o que escapou dos meus planos iniciais e redirecionou o constructo metodológico da pesquisa. Juntamente com a vastidão de formas, cores e texturas das artesanias infantis do sagrado, não pude deixar de considerar o cenário assombroso e assombrado de uma realidade social e política que é fruto, em todos os sentidos, das relações escravocratas de expropriação dos corpos, subjetividades e saberes negros, que se atualizam em novos formatos de miséria, violência, marginalidade e racismo.

É importante, destarte, trazer as singularidades de um ser criança profundamente ligado à comunidade

reinadeira, cuja composição familiar é caudatária – em última instância – de processos de aliança e parentesco eminentemente filiados à resistência negra contra o esfacelamento genealógico imposto pela escravidão (DAS NEVES, 1994; FANON, 1980; MBEMBE, 2018). O desafio aqui está em não resumir a existência dessas crianças às condições sociais de pobreza e violência, mas também não perder de vista tal contexto de agudo racismo e desigualdade social. Trata-se de construir um nexos relacional entre duas coisas: o trauma e o trabalho de elaboração, o dano e a memória, a violência e a criação da cura.

A casa de “tudo, tudo, tudo”

Desde 2014 um grupo de crianças e adolescentes, com idades entre 3 e 17 anos, sai às ruas do bairro São Sebastião, periferia de Oliveira, com o reinadinho, liderados pelo capitão mor H. (menino, 17 anos). Em um lote amplo – cerca de 700 m² -, fica a ruína de uma pequena casa velha de quatro cômodos ocupada pelo reinadinho há três anos e localizada na conhecida “Rua da Favela”. Orientadas pelo capitão mor, elas capinam periodicamente a “mata” que cresce no lote, como gostam de chamar o entorno da construção. Pintaram as paredes internas da casa de azul, consertaram o telhado, fizeram os móveis (mesas, sofás, cadeiras) com diferentes materiais que encontraram no lixo, em casa e nos arredores. Desenvolveram pela casa uma relação de afeto, cuidado e respeito.

É preciso descer um barranco de terra e passar por uma pequena trilha aberta pelas crianças para chegar até a construção. O primeiro *ponto de força* basilar da estrutura da casinha enquanto

⁹ Esse foi o modo como uma das crianças me apresentou a sede do reinadinho. Ela disse: “Aqui

a gente tem cruzeiro, tem santo, tem tudo. Aqui tem mata, aqui tem tudo. Tudo, tudo, tudo.”

sede de Reinado é o *cruzeiro das almas*. A cruz é feita de dois pedaços finos de madeira, ligados por um cordão de

contas. A base é de tijolos e pedras, com um pequeno espaço para colocar a vela e o café destinados aos pretos velhos.



Figura 1: Entrada da sede do reinadinho pela lateral da casa. (Foto da autora)

A sala principal da casinha, que conta com telhado restaurado pelas crianças, abriga o altar (que está sempre sendo rearranjado, recomposto), um sofá improvisado com cadeiras quebradas cobertas por almofadas e colchões. Ali é o Reino, como na sede oficial dos adultos, o ponto de onde parte e para onde retorna a guarda, principal lugar de concentração para oração e reunião de organização da festa das crianças dentro do imóvel. Atrás do Reino, onde antes teria sido um pequeno banheiro, fica o que elas chamam de “camarinha” ou “centro”. Lá elas construíram uma mesa que ampara diferentes materiais usados nos cultos que realizam (velas, defumadores, incensos, folhetos, colares, cachimbos). É o cômodo dos assentamentos, das magias de fundamento do reinadinho – entre elas,

estão a *casa de preto-velho* e a *firmeza para Cosme e Damião*. É também onde repousam os bastões e chapéus sagrados, as guias de contas, os objetos ligados aos *mi'nkisi* (como a flecha de Mutakalambô e o leque de Matamba) bem como o boi das crianças feito de papelão. O pequeno ambiente, separado do Reino por uma cortina, conta com uma atmosfera própria, caracterizada pelo clima dos bastidores de produção do culto, espécie de cozinha do sagrado, por onde passa o segredo.

Diversos elementos são fixados nas paredes da sede, como correntes, desenhos, rosários, penas, conchas, pedras. Dentre eles, há muitas folhas – verdes e secas –, nos umbrais das portas, entre os cômodos e em contato com imagens de santos, bandeiras, ao lado de

rosários e nos assentamentos das entidades e *mi'nkisi*. Há uma afeição especial pelo universo vegetal, respeito e cuidado ritual advindos, em boa parte, da experiência de candomblé angola das crianças e adolescentes. Há também pedras e conchas em diferentes locais, como em cantos de cômodos, altares, bandeiras (trabalhados em bordado, por exemplo) e nos móveis arquitetados e construídos por elas. O conhecimento das ervas, pedras e outros elementos recolhidos na natureza que as crianças aprendem na relação com os mais velhos

nos contextos da umbanda, do candomblé e do Reinado, é colocado em prática, movimento e invenção a favor da experiência de templo que as crianças desenvolvem na sede. Elas consubstanciam ali, dessa forma, uma estética híbrida, que conjuga singularmente disposições espaciais e de objetos presentes em igrejas católicas, terreiros e guarda de Reinado, de umbanda e candomblé, tendo como principal referência de organização as cosmologias de matriz africana.

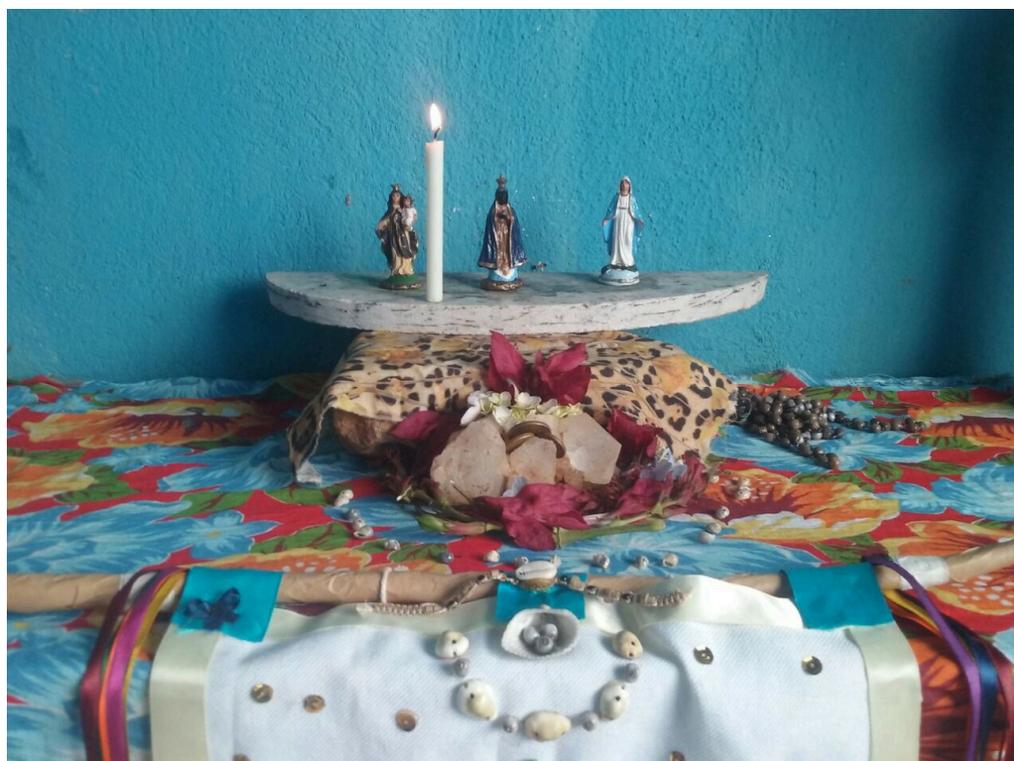


Figura 2 Altar das crianças em detalhe. (Foto da autora)

No centro do peito de K. (menino, 13 anos), luzia um pentagrama prateado. Ele gostava muito do colar improvisado com um barbante escuro, amarrado na parte de trás do pescoço, sustentando o único pingente redondo. Em especial, aquela criança por diversas vezes me presenteou com pulseiras e gargantilhas feitas de restos de velhas bijuterias, acopladas a pedras, sementes e plantas.

Contava-me também os seus sonhos, principalmente com entidades e orixás, em detalhes. “A Oxum brilhava na beira nas águas, tinha cabelos longos e um colar de ouro, era toda dourada...”; “a cigana me deu um cristal lilás”; “encontrei uma concha na praia, no meio das pedras”; “a gargalhada de um malandro me arrepiou, bem em uma encruzilhada”. Sempre sonhos com

paisagens multiformes e coloridas, densas em camadas de acontecimentos cósmicos. Sempre muita gente, quase nunca gente humana. Era gente-pedra, gente-ouro, gente-concha, gente-arco-íris, gente-cachorro, gente-flor, divindades.

Ver mais tarde o mesmo pentagrama no centro do cruzeiro das almas, na entrada da casinha, me surpreendeu. Como pode um objeto tão especial para a criança ser tranquilamente transportado para um espaço de devoção coletiva? Pergunta de quem não acessou a dimensão da vida das coisas, por certo. É um caminho pensar que o pentagrama e a cruz se encontraram por vontade própria, sentida e manifesta no gesto do menino. Por ser tão querido, o pingente foi colocado no ponto de intersecção - o foco da cruz -, território entremundos direcionador das almas nos dias de festa. Um encontro de materiais vibrantes em afeto cardíaco, de pulsação e circulação de fluxos, bombeamento de energia vital – *ngunzo*, na tradição angola – para todas as partes do corpo e do templo das crianças, em evidente contiguidade. Pelo pentagrama da criança, alcançamos o cruzeiro das almas como um coração, uma encruzilhada de alternância entre vida e morte, que regula e mantém aquecido o motor de transformação do trabalho espiritual das crianças. Atuam objetos em complexos arranjos móveis por todo o templo das crianças, passando dos corpos ao espaço e vice-versa, carregados de desejo e agência.

“Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças” (BARROS, 1999, s/p). Bamboleio da infância, esse de deixar-se participar, ser afetado e transformados nas relações, honrando as coisas em sua coisidade, longe do vício antropocêntrico. É a graça do gosto pela “alma que está feita com o corpo” (PESSOA, 2006), nos versos

pagãos e panteístas de Alberto Caeiro, defensor ferrenho da natureza emancipada das projeções humanas. Como tantos outros alquimistas da palavra, Barros e Caeiro – heterônimo do bruxo Pessoa - mergulham na fonte telúrica do que é simples e imediato, encharcando os versos de experiência, nos devolvendo aos bichos, conchas, pedras, rios, mares, astros, cacos, restos, gambiarras, ao universo de coisas miúdas e graúdas que nos espreitam. Criativas, íntimas do vir-a-ser das coisas, fazedoras de magia, as crianças podem sacralizar os objetos e momentos, podem perfurar a falta de sensibilidade de um certo mundo adulto que se quer único – desencantado, colonizado, capitalista.

“Tem espírito aí!”

Dei Salve Maria e entrei na sede das crianças. Do quatinho escutei uma voz rouca. J. (menina, 16 anos) falou preocupada: “tem um trem aí... baixou aí... Coisa de entidade”. Pedi licença e cheguei na porta. Vi H. (menino, 14 anos) sem camisa, com uma boina preta na cabeça, guia cruzada no peito, olhos fechados e levemente encurvado. Estava incorporado. L. (menino, 15 anos), que ria da situação com certo ar de medo, batia num galão de plástico aos modos do atabaque. Pedi a bênção à entidade, que pegou na minha mão e me cumprimentou. L. perguntou quem estava ali entre nós. O espírito respondeu que era um exu-mirim. Pedi para L. tocar uma *zuela* que o levasse embora. Sentei na sala com as outras crianças. Estavam todas um pouco assustadas. Alguns diziam que era mentira, que H. estava imitando as entidades. Já eu tive certeza: era *viração*.

O som do galão-atabaque foi ficando mais forte, mais rápido. Veio a risada de um espírito de criança que chegava pelo corpo de H.. Faisca batia palmas e os meninos que estavam ao meu lado me

contaram das façanhas do *kambureko*. “Tem dia que ele vem e puxa o cabelo de todo mundo, come terra e sai pela rua correndo!” Perguntei se Faísca vinha muito, eles responderam que não. Ele saiu do quartinho andando agachado, segurando uma imagem pequenina de Cosme e Damião. “Oi gente! Eu quero saber o nome d’ocês! Qual o seu nome? E o seu? E o seu? E o seu?”. Quando chegou na minha vez, Faísca me pediu a bênção. “A bênção, tia!”. Ele sentou no meio da sala, no chão, onde C. (menino, 12 anos) desenhava uma pomba-gira vestida de preto e vermelho com uma taça na mão esquerda e na outra uma rosa vermelha. Era a Sete Saias, senhora amada por todos, que vinha na matéria do pai-de-santo Pedro. Faísca gostou do desenho e pediu para fazer também. Eu mostrei para ele os papeis e os lápis de cor. “Vou desenhar essa menina!” Apontou para a K. (menina, 7 anos). “E erê desenha?”, perguntou L., rindo. Faísca traçou um círculo, que formou a cabeça com olhos bem redondos e sorriso aberto. O corpo da menina fez com uma única linha, que ramificou braços e pernas. O especial veio das marias chiquinhas volumosas que saíam das laterais da cabeça. “Olha lá, parece que tomou um choque!”, comentou J. às gargalhadas. K. colou as mãos nos cabelos arrepiados e riu também. Abaixo da figura, Faísca escreveu “MININA”.

Aproveitei para conversar com ele. “Você costuma vir no reinadinho?”. Ele balança a cabeça com vontade: “venho tia, fico aqui. Danço com eles. Acho muito bonito!”. “E os vovôs e as vovós, vem também?”, faço referência aos pretos e pretas velhas. “Eles tá tudo aqui! Tem uma vovó do seu lado, outra do lado dele, uma atrás dela...”. “Uai, desenha pra gente então!” Proponho. Vai surgindo na folha a silhueta de uma senhorinha (que parece uma vovó e ao mesmo tempo uma menina), de chapéu

florido na cabeça, na frente de uma casa. “Quem é ela?”, eu pergunto. “Essa é a vovó Chiquita. Está na frente da *paioca* dela, esperando o vô Benedito.” “E onde ele está?”. Faísca balança a cabeça e abre ainda mais o sorriso, mostrando os dentes e continuando o desenho. “Ele está na mata. Vovô adora a mata!”

Eu perguntei para Faísca onde ele gostava de ficar, no que ele pegou o lápis de escrever e fez uma cruz e depois outra, ambas com um rosário no centro. Rabiscou com rapidez uma grama verde com a caneta e me contou que ali era o cruzeiro onde permanecia. Que ali estavam muitas, muitas almas, e os vovôs e vovós também. Pedi para ele falar das almas. “Aqui tem todo tipo de alma, até aquelas que precisa de salvação. A vovó reza muito por elas.” Os outros meninos prestavam atenção. Ele continuou: “Atrás do cruzeiro tem uma cachoeira da mamãe Oxum. E aqui no lado uma pedra grande, uma casinha, onde fica o vovô.” Aceno que estou entendendo com um meneio de cabeça e continuo a conversa: “E você pode chegar aí?”. Ele nega: “Não, eu não vou. Eu fico esperando os vovôs aqui do lado do cruzeiro, neste toco aqui” [desenha um menino sentado ao lado da cruz]. Eu pergunto se tem caboclo por aí, seguindo minha intuição.

“Ah, aqui atrás, em cima, tem uma floresta, cheia de árvores. [Enquanto fala vai traçando]. As árvores têm uns panos amarrados, uns panos coloridos. E fica um povo batendo tambor e fazendo assim [faz gesto de bater na boca e emitir um som agudo, comumente relacionado aos indígenas]. É a terra de Oxóssi. E aqui em cima [desenha um círculo na parte alta e direita da paisagem, nesta hora achei que seria o sol], aqui está Oxalá, que é o pai dos pretos-velhos!”. Eu me lembro que tenho uma sacola cheia de pé de moleque na mochila e

ofereço a ele e às outras crianças. Coloco um pedaço no altar, de frente para a imagem em miniatura de Cosme e Damião. Ele se despede e vai embora.



Figura 3 Criança do reinadinho em momento de brincadeira na oficina de desenho. (Foto da autora)

Os espíritos e as divindades se manifestaram desde o primeiro instante que pisei em Oliveira. Muitos, diferentes, de várias origens e com diversos estilos performáticos e compleições emocionais, os seres do lado de lá, como dizem os reinadeiros, não se furtam a capturar os corpos dos vivos em intensos e inesperados transes. Nos banheiros, nas salas e quartos da sede dos Leonídios e das crianças, nos quintais, nas ruas, em qualquer ambiente, as pessoas consideradas médiuns, *muzenzas* ou girantes, podem “virar na entidade”, serem arrebatadas pelas forças bruscas de espíritos que tomam

para si a presença em terra através dos corpos disponíveis. Enquanto falam em espíritos, os olhos das crianças emitem um brilho diferente, as palavras ganham ênfase afetiva, surgem expressões imantadas de mistério, espanto e certo medo – como “oua”, “creio em Deus pai” e “cruz credo”. Senti com elas o apreço, respeito e maravilhamento pelos agentes espirituais que, a qualquer momento, podem surgir e tomar a dianteira do processo, explícita ou implicitamente, aproveitando das inúmeras brechas entre mundos percebidas e instauradas pelas crianças.

Repovoamento cósmico e necrópole em transe - trajetos de cura



Figura 4 Vela acesa em arranjo improvisado pelas crianças. (Foto da autora)

Perspectivadas pelas coisas, acontecimentos, imagens, pelos espíritos e divindades (e por outras tantas agências insondáveis) as crianças são abertas, desdobradas em experiências de encontro transformador. Ao passo que elaboram agenciamentos, instauram cosmicidade. As crianças estão atuando, junto aos materiais, no mundo das coisas, estão instaurando um encontro transversal de universos, deslocando o centro de gravidade das existências. Eis a perspicácia da criança: dispor, organizar, conectar as coisas em uma rede de relações, formando uma unidade sistemática, compondo uma história que as liga em numa arquitetura cheia de virtualidades invisíveis aos olhos dos adultos distraídos. A perspectiva da criança “vê pelo sentimento” a vida das coisas e as manipula magicamente.

Assim também faz o feiticeiro e a bruxa que “se lançam além do que se apresenta

como imediatamente dado, a fim de experimentar o contato com os outros lados de coisas que não sentimos diretamente, com os aspectos ocultos ou invisíveis do sensível”, (STENGERS, 2017, p. 13), como defende o mago David Abraham, com quem Isabelle Stengers se alia a favor de uma reativação do animismo como modalidade de resistência política contemporânea.

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas. (STENGERS, 2017, p. 8)

É preciso, nesse ponto, trazer à tona as especificidades e críticas de uma compreensão afrocentrada das subjetividades em constituição nas redes de relações colonialistas e racistas que vigoram até hoje. Franz Fanon (1980), a partir de sua experiência como psiquiatra, militante político ativista na luta de libertação argelina e intelectual negro com formação na Europa, já ressaltou os perversos mecanismos coloniais de adoecimento psíquico das pessoas negras.

Desde a mais tenra infância, a criança negra é colocada diante de relações sociais que a inferiorizam e a desautorizam enquanto agente implicada em dinâmicas afetivas de troca e reciprocidade. Os estragos estruturais operados pela escravização nas subjetividades das pessoas negras desencadeiam efeitos de negação de si que colocam o colonizado numa posição neurótica, num confronto psíquico contra si próprio e como consequência nasce nele um “complexo de inferioridade” constantemente apropriado e alimentado pelas forças coloniais. Tal complexo, na medida em que há uma grande divergência entre o universo infantil das referências familiares negras e o universo público, começa na infância.

A colonização instaura uma fissura psíquica: o descentramento primordial entre o eu e o sujeito no cerne da pessoa colonizada. A violência colonial assim também se faz intrusa no campo do inconsciente, na economia do desejo das subjetividades subalternizadas pelo racismo. Os efeitos de auto-ódio são marca desse desmembramento do sujeito pela qual o eu autêntico teria tornado um outro (MBEMBE, 2018, p. 188).

Na psicologia afrocentrada, o transe ocupa um lugar central nos processos terapêuticos de costura das rupturas

psíquicas e espirituais do sujeito negro. Se para a psicologia ocidental branca a possessão é uma espécie de anomalia psiquiátrica, forma de histeria ou ilusão, nas cosmologias africanas trata-se da maior expressão de resgate do auto-amor, cuja potência de aquilombamento e descolonização do inconsciente (VEIGA, 2018) muito incomoda ao colonizador.

O transe místico representa oportunidades nas quais diferentes concentrações de energia (ancestrais, orixás, e assim por diante) se manifestam e, assim fazendo, partilham e participam da comunidade humana. A chamada possessão, ou transe espiritual, é mais bem compreendida como uma reunião, uma reconexão ou concretização do axé de diferentes domínios da realidade. Consideremos o perigo representado (na visão dos portugueses) por centenas de quilombos em que africanos viviam esse encontro com espíritos conscientes e cognoscíveis. (NOBLES, 2009, p. 296).

O encontro com os mortos via transe é fundamental para a provocação de uma revolta vitalizadora da vasta necrópole colonial, poço sem fundo de ossadas humanas (MBEMBE, 2018). Ao mesmo tempo é caminho para elaboração subjetiva e coletiva dos traumas específicos de ser negro no Brasil através de uma psicologia afrocentrada (NOBLES, 2009; VEIGA, 2018). Trata-se da constituição de uma comunidade negra intermundos, que reconecta vínculos rompidos pela diáspora escravocrata cruzando o plano dos vivos e dos mortos, e permite, assim, a circulação de saberes e afetos pelas linhagens de matriz africanas no Brasil.

Pela experiência do transe abre-se um portal temporal por onde retorna, transita e se multiplica uma série de relações,

conhecimentos, técnicas, sentimentos e emoções fundadas em um passado recontado e reescrito nos cantos, danças e toques do Reinado. Memória elaborada via corpo. As crianças são campo sensível a essas presenças e lastros experienciais de dor e sofrimento advindos das atrocidades escravagistas que se perpetuam em agudos riscos sociais por elas vivenciados, ao passo que consubstanciam, na ponta da cadeia da ancestralidade, as possibilidades de sua atualização e transformação.

Referências

- ALTIVO, Bárbara Regina. “Rosário dos kamburekos: espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira - MG)”. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Belo Horizonte, 2019.
- BARROS, Manoel. **O menino que carregava água na peneira**. Exercícios de ser criança. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- DAS NEVES, Maria de Fátima Rodrigues. A família escrava brasileira no século XIX. **Journal of Human Growth and Development**, v. 4, n. 1, 1994.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1980.
- FONSECA, Gonzaga L. **História de Oliveira**. BH: Ed. Bernardo Alves, 1961.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018
- NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, p. 277-297, 2009.
- PESSOA, Fernando Antonio Nogueira. **Poemas completos de Alberto Caieiro**. Coleção a obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- RUBIÃO, Fernanda Pires. **Os negros do rosário: memórias, identidades e tradições no congado de Oliveira (1950-2009)**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Os%20negros%20do%20ros%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019.
- SOARES, Dalva Maria. 2016. “**Muita religião seu moço!**” Os caminhos de uma congadeira”. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC; Florianópolis, 2016.
- STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017. (**Caderno de Leituras** n. 62)
- VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018.

Recebido em 2020-06-01
Publicado em 2020-11-13